

O Papel Da Extensão Universitária No Apoio À Agricultura Familiar No Município De São Pedro/SP

The Role Of University Extension In Support Of Family Farming In São Pedro/SP Town

RESUMO

O presente artigo foi concebido para discorrer sobre as atividades do GESP (Grupo de Extensão de São Pedro) junto aos agricultores familiares do Alto da Serra de São Pedro. A noção de agricultura multifuncional é mobilizada para esta análise, que é fundada na experiência de quase trinta anos de ações do GESP. Este trabalho da extensão universitária contribuiu com a sólida organização do grupo de agricultores, o que levou a uma grande participação de suas famílias nas dinâmicas sociais, econômicas e políticas locais.

Palavras-chave: Multifuncionalidade da agricultura. GESP/ESALQ/USP. Agricultura Familiar. Extensão Rural.

ABSTRACT

This article was conceived to discuss the activities of the Extension Group of São Pedro/SP (GESP) next to a community of family farmers from the top of the mountain of São Pedro. The concept of multifunctional agriculture is mobilized for this analysis, which is based on the experience of almost thirty years of actions of GESP. This work of university extension contributed to the solid organization of the farmers' group, which led to the great participation of their families in the local social, economic and political dynamics.

Keywords: Multifunctionality of Agriculture. GESP/ESALQ/USP. Family Farming. Rural Extension.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta uma análise das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Extensão de São Pedro (GESP) junto a uma comunidade de agricultores familiares do Alto da Serra de São Pedro/SP considerando a noção de multifuncionalidade da

PAULO EDUARDO
MORUZZI MARQUES,
ADEMIR DE LUCAS,
GABRIELA MARIA LEME
TRIVELLATO

Universidade de São Paulo.
Escola Superior de Agricultura
Luiz de Queiroz, Piracicaba/SP, Brasil.

agricultura. A propósito, o debate sobre esta última leva a identificar diferentes papéis que podem ser desempenhados pelos agricultores familiares, podendo ser sintetizados em quatro grupos: a) reprodução socioeconômica das famílias rurais; b) promoção da segurança alimentar das próprias famílias rurais e da sociedade; c) manutenção do tecido social e cultural; d) preservação dos recursos naturais e da paisagem rural. [1]

Os agricultores familiares em questão se organizaram a partir do final dos anos 1980, com apoio da ESALQ/USP, o que permitiu o empoderamento deste grupo que passa atuar em diferentes esferas de tomada de decisão pública local. Assim, esta agricultura familiar ganha reconhecimento regional, nacional e internacional enquanto experiência cooperativa de sucesso.

A extensão rural oferecida pelo GESP às famílias agrícolas ao longo das últimas três décadas foi decisiva para a organização desta agricultura familiar, possibilitando a constituição de uma cooperativa e de um laticínio geridos pelos próprios agricultores. Atualmente, o apoio se desenvolve em torno de novas perspectivas tecnológicas de cunho agroecológico. Assim, a comunidade contribui com a própria formação dos estudantes em termos de um conhecimento adaptado à realidade da agricultura familiar.

OS AGRICULTORES FAMILIARES DO ALTO DA SERRA DE SÃO PEDRO

Em 1989, um conjunto pioneiro de agricultores familiares inicia um processo de reflexão coletiva sobre ações para o fortalecimento do grupo. Na época, 38 produtores do Alto da Serra de São Pedro/SP tiveram acesso a um empréstimo da Legião Brasileira de Assistência (LBA) para financiar a lavoura e a compra de animais, com assistência técnica oferecida pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP). No mesmo ano, os técnicos desta escola propuseram a formação de uma associação de produtores a fim de permitir, considerando as normas da LBA, reempregar os recursos provenientes do reembolso do empréstimo em benefícios para a própria agricultura familiar local.

A partir de então, a associação se estruturou notadamente para realizar atividades coletivas visando obter melhores condições para a aquisição de insumos e para a comercialização dos produtos de seus membros. Efetivamente, a intervenção da equipe universitária da ESALQ se orientou pela perspectiva do fortalecimento das ações coletivas como meio adequado de inserção econômica e social dos agricultores familiares. A evolução deste processo levou à instalação de uma fábrica de laticínios, em 1997, e à constituição da Cooperativa de Produtores Agropecuários de São Pedro (COOPAMSP), em 2001. Convém precisar que, em setembro de 2017, 127 famílias participavam desta última¹, das quais 32 forneciam leite, em um total médio de 4.000 litros por dia. Os outros agricultores mobilizavam a cooperativa para a compra de insumos destinados à produção de milho, aves, gado de corte, suínos e hortaliças.

O laticínio passou a produzir também iogurtes de três sabores e possui uma marca conhecida e respeitada na região, denominada “Leite do Campo”. Atualmente, a emergência

1 A maioria dos cooperados está na faixa etária, segundo dados da COOPAMSP, de 35 e 59 anos.

das questões acerca da sustentabilidade leva a novas reflexões e ações sobre as estratégias de ação coletiva, considerando os múltiplos papéis socioambientais da agricultura familiar.

Em 2009, uma pesquisa sobre estes agricultores familiares, intitulada “Trajetórias da agricultura familiar e o papel da extensão rural: estudo do caso do Alto da Serra de São Pedro” [2] permitiu obter dados de um universo de 49 estabelecimentos familiares, o que nos será útil para melhor caracterizá-los. As unidades de produção giram entre 4 e 190 ha (este extremo superior sendo exceção), com área média de 30 ha. Estas terras foram obtidas, na maior parte, graças à herança familiar, os filhos homens tendo primazia nesta transmissão entre gerações. Os antepassados destes agricultores eram colonos ou meeiros no cultivo de café, vindo se instalar na região no início do século XX. Nesta condição, puderam poupar e comprar as terras em questão. Hoje, os filhos destes agricultores possuem meios muito reduzidos para adquirir novas áreas de cultivo, tanto é que a maioria dos estabelecimentos não alterou seu tamanho ao longo dos últimos 20 anos: foram constatadas apenas 8 modificações, sendo 5 aquisições de terras e 3 vendas parciais, todos estes negócios realizados entre parentes ou vizinhos.

Por outro lado, os estabelecimentos são bem equipados, a grande maioria possuindo trator, arado e plantadeira. Em termos de cultivo, aquele predominante é o milho: entre as 49 famílias consideradas, trinta o plantavam com múltiplos usos. Em relação à criação animal, é possível destacar a avicultura (51% dos casos) e, principalmente, a bovinocultura leiteira (90% dos estabelecimentos), que conhece grande crescimento nos últimos anos em razão essencialmente da fundação da cooperativa. De outra parte, observa-se uma tendência de diversificação produtiva dos estabelecimentos. Em 2009, um bom número de agricultores cultivava hortaliças (31%). De fato, a feira da cidade de São Pedro tem crescido muito nos últimos anos, aumentando bastante o interesse pela comercialização direta.

A propósito, outro trabalho no âmbito de nossa pesquisa revelou que grande parte dos consumidores desta feira reconhece o importante papel da agricultura familiar na região e confia em seus produtos. Assim, existe uma boa imagem da agricultura alimentar local e da diversidade de produtos que são comercializados na feira [3].

Convém desde já mencionar que a expansão da cana-de-açúcar leva muitos proprietários da região a arrendar suas terras para este tipo de produção. No entanto, esta solução é pouco difundida entre os agricultores familiares considerados na pesquisa, o que permite considerar sua resistência em razão do fortalecimento de sua organização, o que será tratado a seguir.

A renda destas famílias é advinda quase unicamente da exploração agropecuária (por vezes, agregando valor graças à comercialização direta). Nestas circunstâncias, as atividades no estabelecimento são asseguradas pela força de trabalho da família. Assim, em 82% das unidades familiares de produção, todos os membros participam das atividades agropecuárias, estando quase ausente o trabalho assalariado. A média de moradores por estabelecimento é de quatro pessoas.

Em relação à educação, pode-se notar uma mudança de escolaridade de uma geração para outra: a maioria dos responsáveis pelos estabelecimentos (61%) estudou até quatro anos. No caso dos filhos, há um sensível aumento do tempo de permanência na escola: 25% têm o segundo grau completo e 20% o primeiro grau completo (apenas 12% destes

juvencs terminaram seus estudos na quarta série do ensino primário). Neste ponto, vale mencionar que as escolaridades dos homens e das mulheres são praticamente as mesmas.

Aqui, cumpre destacar que, sobre as expectativas de futuro, 60% dos entrevistados gostariam que seus filhos fossem agricultores. Os motivos mencionados pelos pais são a perenidade do estabelecimento familiar, a manutenção da renda e o bem-estar da família. Estes dados mostram, em certa medida, uma mudança de perspectiva: anteriormente, a educação levava ao afastamento da atividade agrícola, o que é uma constatação dos mais idosos. Agora, a agricultura parece ser vista como atividade que requer uma boa formação educacional. De todo modo, persiste (em 40% dos casos) a ideia segundo a qual a agricultura não oferece renda suficiente e exige muito esforço físico, o que leva a um desejo de que os filhos deixem esta atividade.

Em termos de práticas agrícolas, eram em 2009 poucas as técnicas agroecológicas empregadas, o que mobilizou esforços do grupo de extensão para propor uma maior reflexão sobre esta questão. Atualmente, um grupo destes agricultores introduz práticas de uma agricultura de base ecológica.

No que se refere ao processamento dos alimentos, além daquele ocorrido no laticínio em termos de leite pasteurizado e iogurte, como mencionado acima, a movimentada feira de São Pedro encoraja muitos agricultores a realizar uma transformação dos produtos em seus estabelecimentos. Em nosso levantamento, foi possível constatar que 13 famílias do universo considerado na época praticavam este tipo de atividade. Estes produtos transformados eram comercializados através da venda direta ao consumidor. Convém lembrar aqui que em outro trabalho sobre esta agricultura familiar, foi destacado que a venda direta e a constituição de circuitos curtos alimentares, tal como conceituado por Gilles Maréchal [4], contribuem de maneira acentuada com uma identificação territorial dos alimentos [5].

Depois da instalação do laticínio, meio de evitar uma grande dependência comercial, a experiência se expande, atingindo também a etapa de distribuição dos produtos lácteos nas padarias e mercearias da região. Além destes canais, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) se tornaram importantes meios de escoamento da produção e, conseqüentemente, consideráveis fontes de receita.

No plano das relações com o local, apesar de muitos serviços utilizados pelas famílias do Alto da Serra se localizar na sede do município, é razoável interpretar que os laços desta agricultura familiar com este bairro rural são intensos. Em primeiro lugar, o tipo de lazer mais citado pelos entrevistados (em 53% dos depoimentos) se refere às festas comunitárias, que se desenvolveram com o processo de organização dos agricultores, como será examinada mais tarde.

Por outro lado, a organização do grupo desde o início levou a uma pressão sobre a prefeitura para melhorias dos serviços públicos oferecidos na localidade. Este fenômeno favoreceu a construção de uma escola municipal em terreno cedido pelos agricultores². Mais tarde, ocorreu a reativação de um posto de saúde e, em 2008, a instalação de um

2 Em setembro de 2017, esta escola de ensino fundamental contava com 160 alunos.

posto de odontologia graças aos apoios fornecidos pela rede de parceiros da cooperativa. Estas obras e serviços públicos favorecem, por sua vez, uma revitalização social do Alto da Serra de São Pedro. A localidade torna-se um ponto de encontro e uma referência para a construção de novas iniciativas. De fato, estas últimas se disseminam em diferentes áreas, o que pode ser ilustrado pela instalação de um restaurante e de bares, além da expansão dos salões de festas das igrejas locais. Com efeito, tal dinamismo constitui um alicerce importante para a elaboração de projetos familiares e coletivos em direção a um desenvolvimento territorial fundado em grande medida nas perspectivas de fortalecimento da agricultura familiar local.

Para concluir esta parte, convém apresentar o resultado final de um programa de estágio em colaboração com AgroParisTech [6]. Trata-se da identificação dos sistemas de produção (SP) da agricultura familiar vinculada à COOPAMSP (ver figura 1).

Figura 1 – Tipificação dos estabelecimentos familiares vinculados à COOPAMSP em função do produto e nível de mecanização. Fonte: [6]

PRODUTO PRINCIPAL				NÍVEL DE MECANIZAÇÃO
LEITE	HORTAS	CORTE	FRANGO	
<p>SP1: Leiteiro intensivo</p> <p>SP2: Leiteiro extensivo com granja de frango</p>	<p>SP5: Produções diversificadas intensivas</p> <p>SP6: Especializado em hortas com comercialização</p>	<p>SP8: Produção de corte com confinamento</p>	<p>SP10: Especializado em frango industriais com gado de corte</p>	+
<p>SP3: Queijeiro com produtos transformados</p> <p>SP4: Leiteiro com extensivo de subsistência</p>	<p>SP7: Hortas com atravessador</p>	<p>SP9: Ocupação da terra com pequeno gado de corte</p>		

No final da década de 80, predominava o tipo SP4, além de produtores de grãos (milho) e cultura branca (mandioca e arroz). A partir da década de 90, houve intensa diversificação. Assim, em 2010, foi possível identificar as migrações entre os diferentes sistemas produtivos destes agricultores familiares (ver figura 2) e comparar a renda por unidade de trabalho na agricultura familiar (UTAF) em função do tamanho de distintos SP, em relação ao arrendamento para o plantio de cana/eucalipto ou o trabalho assalariado (figura 3).

Figura 2 – Dinâmica de migração entre os sistemas de produção identificados.
 Fonte: [6]

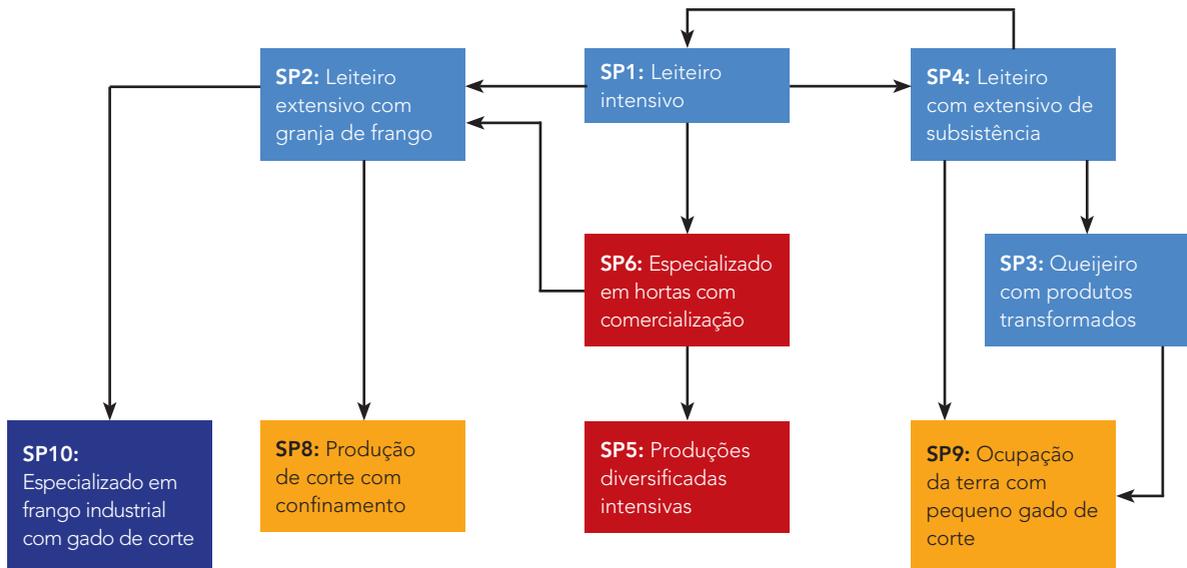
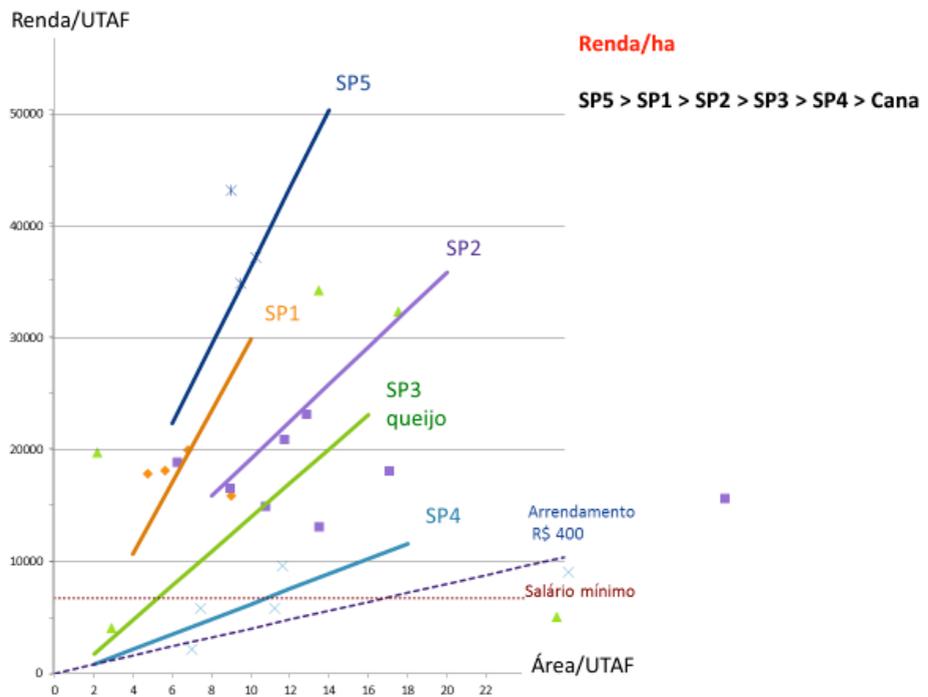


Figura 3 – Comportamento de renda/UTAF por tipo de sistema de produção em função do tamanho da estabelecimento. Fonte: [6]



Na COOPAMSP, os tipos predominantes de sistemas de produção são aqueles situados entre SP1 a SP5. Suas principais características médias são apresentadas abaixo na Tabela 1:

Tabela 1 – Principais características médias dos tipos predominantes de sistemas de produção situados entre SP1 a SP5. Fonte: Adaptado de [8]

	ÁREA	UTAF	RENDHA/HA (R\$)	RENDHA/UTAF (R\$)	PORCENTAGEM DA RENDA (PRODUTO PRINCIPAL)
» SP1	15	2	2.900	21.900	Leite 60
» SP2	30	3	1.900	19.500	Leite 40
» SP3	51	3	1.000	17.000	Processamento 100
» SP4	15	1	640	9.900	Leite 100
» SP5	20	2	3.600	35.000	Horta 40 Leite 20

O APOIO DA EXTENSÃO RURAL UNIVERSITÁRIA

Desde o início, o apoio da ESALQ aos agricultores familiares de São Pedro privilegiou, como já mencionado, a organização de ações coletivas. No entanto, tal trabalho conheceu muitas dificuldades. De fato, as experiências anteriores a 1987 em torno de iniciativas coletivas deixaram uma imagem negativa para os agricultores na medida em que, especialmente, seu planejamento foi inadequado. Este problema ocorreu, de uma parte, com uma cooperativa de eletrificação, que deixou de existir após a conclusão das ligações elétricas nos estabelecimentos agrícolas familiares e, de outra parte, com a compra coletiva de calcário, que durou pouco tempo em razão de sobrecarga de trabalho em poucos indivíduos.

Desta forma, havia uma sensação de desconfiança diante de propostas de cooperação. Para agravar este receio, a universidade era vista com muita reserva, pois, até então, pesquisadores que atuaram na região não trouxeram nenhum retorno de seus estudos.

Portanto, as circunstâncias eram muito desfavoráveis ao tipo de trabalho que estava sendo proposto pelos profissionais da ESALQ/USP. Mesmo assim, em 1989, é criada a Associação dos Produtores Agropecuários do Município de São Pedro (APAMSP) com o objetivo de receber os benefícios da LBA. Por parte da ESALQ/USP, a metodologia para fomentar uma reflexão sobre a ação coletiva fundou-se, sobretudo, no

estímulo à participação: as escolhas se realizavam após longas reuniões nas quais eram minuciosamente discutidos os problemas e consequências em torno das decisões. Por exemplo, a construção de um barracão para estocagem de insumos foi precedida por um debate profundo sobre os critérios para estabelecer sua localização.

Por outro lado, o GESP, constituído na ESALQ/USP desde praticamente o início deste apoio aos agricultores de São Pedro, procurou identificar os principais problemas em termos de organização e ação coletiva dos agricultores. Nesta linha, a “fofoca” foi considerada como um entrave aos laços de cooperação. Com vistas a atenuar tal obstáculo, o GESP procurava detectar as mensagens que poderiam ser ofensivas, infundadas ou desagregadoras a fim de torná-las transparentes e um objeto de discussão. Com esta estratégia, um boletim foi criado tendo como editorial uma coluna intitulada “acredite se quiser”. Tal boletim conheceu 117 edições (e foi retomado recentemente), nas quais circulavam muitos assuntos de interesse da comunidade do Alto da Serra de São Pedro e, sobretudo, editoriais que levavam a uma redução das acusações infundadas veiculadas em conversas entre vizinhos. Tal solução contribuiu com o fortalecimento de ideias pró-cooperação.

Paralelamente a este tipo de iniciativa visando reforçar a organização cooperativa, mutirões e outros trabalhos em grupo foram estimulados. A propósito, a insuficiência de recursos do financiamento destinado à construção do laticínio do grupo foi superada graças à mobilização das famílias com o objetivo de angariar fundos, sobretudo com a organização de festas em fins de semana. Aliás, estes recursos foram fundamentais para viabilizar o conjunto dos investimentos.

A instalação de uma linha de leite administrada pela associação e seu fornecimento a uma cooperativa sediada em Rio Claro, que tinha um sistema de distribuição relativamente eficaz, foi importante para agregar novos agricultores. Tal eficácia permitia oferecer um melhor preço pelo produto aos agricultores de São Pedro. A participação destes últimos no conselho de administração da cooperativa rio-clarense forneceu uma bagagem importante de conhecimentos para novas iniciativas. Esta experiência favoreceu assim a construção do laticínio e da Cooperativa de Produtores Agropecuários de São Pedro (COOPAMSP).

Enfim, nos últimos anos, além da organização social e do fortalecimento da ação coletiva, o tema do desenvolvimento sustentável passa a orientar a reflexão e as iniciativas do grupo de extensão em questão. A conversão agroecológica (com o pastejo rotacionado voisin, adubação verde, plantio direto, introdução de culturas de inverno e implantação de sistemas agroflorestais), a recuperação das matas ciliares ou a elaboração de indicadores de sustentabilidade dos estabelecimentos agrícolas familiares, com apoio de AgroParisTech [7] tornaram-se linhas centrais do apoio oferecido aos agricultores familiares do Alto da Serra de São Pedro. Trata-se, portanto, de estimular um processo de conversão para uma agricultura mais inspirada pela agroecologia e menos dependente de insumos externos.

Convém aqui discutir um pouco mais o papel do GESP. Trata-se de um grupo cuja missão consiste em contribuir para que os produtores se organizem, através da troca de conhecimento com a universidade, mobilizando a capacitação dos participantes deste diálogo (professores, técnicos, alunos e produtores). De fato, esta

aproximação favorece a valorização, pela universidade, do trabalho de extensão, educação e comunicação.

O GESP sempre teve como prioridade as ações em grupo, procurando a organização do produtor em seu estabelecimento para que veja em sua organização coletiva uma continuidade de sua unidade de produção. Assim, são prioridades do grupo realizar visitas a outras associações e produtores, dias de campo, áreas experimentais e planejamento de ações.

Nesta perspectiva, os princípios do GESP são: realizar atividades com planejamento participativo; tomar decisões por consenso; respeitar os conhecimentos, experiências e valores pessoais; fomentar condições de liberdade de opções e ideias e socializar informações produzidas no grupo. Com estes princípios, o GESP obteve resultados consideráveis em seus mais de 25 anos de existência, com mais de 150 alunos participando do grupo enquanto estagiários. A média anual é de 10 alunos engajados em suas atividades. Entre estas últimas, podem ser citados a implantação e acompanhamento de pasto polifítico; a introdução de SAF (Sistemas Agroflorestais); o desenvolvimento de hortas em duas escolas rurais; a restauração de Área de Preservação Permanente (APP). Todas estas atividades são realizadas de forma integrada ao Núcleo de Agroecologia Nheengatu da ESALQ/USP [8].

Com efeito, o GESP constitui um laboratório de vivência em agricultura familiar para toda a universidade, favorecendo pesquisas nacionais e internacionais sobre o tema. Por outro lado, muitos professores e alunos de disciplinas da ESALQ/USP e muitos visitantes desta escola querem conhecer a cooperativa de São Pedro, como um produto da ação da extensão universitária.

Tal grupo é pioneiro na implantação do novo projeto brasileiro de assistência técnica e extensão rural, mesmo antes de sua oficialização. Com efeito, além de seus objetivos para a educação vivencial dos estudantes da ESALQ/USP, o GESP atua no fortalecimento da agricultura familiar e de suas organizações, por meio de abordagens educacionais participativas e dialógicas, com total integração nas dinâmicas locais. Nesta perspectiva, visa à melhoria nas condições de vida dos produtores, de suas famílias, de sua vizinhança, de sua comunidade e, também, de seu município ou território.

Assim, observa-se uma comunhão dos projetos deste grupo com a política nacional de ATER, promulgada no âmbito do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário. Como é amplamente conhecido, o público preconizado por esta política é a agricultura familiar. Deste modo, é notável a semelhança dos princípios norteadores da ação da coordenação destes projetos em São Pedro, dos estudantes e dos agricultores com aqueles da extensão rural recomendada pelo Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural (DATER) do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Portanto, a melhoria da renda, a segurança alimentar, a conservação dos recursos naturais e a inclusão social constituem pilares das preocupações manifestas em ambos os casos. Em particular, a participação política da população do bairro em cargos municipais, na cooperativa, na associação de pais e mestres da escola local e na associação da capela reflete um tipo de apoio que favorece a mobilização social e o engajamento nos processos locais de tomada de decisão.

Por outro lado, as explorações agropecuárias mostram que os agricultores familiares

desse bairro rural não se orientam por posturas predatórias, nem insustentáveis, obtendo desta forma melhoria consistente de sua qualidade de vida. O trabalho organizacional realizado no passado e nos dias de hoje constitui um poderoso instrumento das famílias do bairro rural do “Alto da Serra” para seu reconhecimento como agentes do desenvolvimento sustentável.

Outra coincidência notória diz respeito às diretrizes metodológicas do DATER e aquelas do Projeto São Pedro. A metodologia "behaviorista", de difusão e adoção de inovações, foi superada em ambos os casos. A orientação piagetiana (da dialogicidade, do construtivismo e da participação) forneceu as linhas nos trabalhos da ATER em São Pedro, com resultados positivos após certo tempo de maturação. Hoje, pais, filhos, maridos e esposas se tornaram mais conscientes de seus papéis em seu próprio desenvolvimento e naquele do território que constroem. A participação na vida quotidiana da comunidade e do município é o meio por excelência desta conscientização.

CONCLUSÃO

O GESP tem contribuído para que as famílias rurais permaneçam no campo, produzindo bens que são usados para alimentação de seus membros e que podem ser comercializados. De fato, suas ações permitem o reconhecimento de diferentes papeis, além produtivos, da agricultura familiar local.

De fato, a extensão rural oferecida pelo GESP aos agricultores da Serra de São Pedro contribuiu com uma sólida organização local, o que levou a uma maior participação das famílias dos agricultores nas dinâmicas locais, favorecendo a melhoria na oferta de serviços públicos municipais de educação, saúde e produção. Efetivamente, a universidade por sua intensa e persistente atuação junto à comunidade favoreceu o empoderamento político, econômico e social destas famílias agrícolas. Por outro lado, este trabalho de extensão universitária constitui um meio fecundo de formação de estudantes para atuar de forma a valorizar o saber local em favor de um desenvolvimento rural sustentável.

REFERÊNCIAS

- [1] CARNEIRO, M. J.; MALUF, R.S. **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- [2] LUCAS, A.; MORUZZI MARQUES, P. E.; SARMENTO, G. Trajetórias da Agricultura Familiar e o Papel da Extensão Rural: Estudo do Caso do Alto da Serra de São Pedro. **VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural**. Porto de Galinhas/PE: ALASRU, 2010.
- [3] MORUZZI MARQUES, P. E. Embates em torno da segurança e soberania alimentar: estudo de perspectivas concorrentes. **Revista Segurança Alimentar e Nutricional**, vol. 17(2), Campinas: Unicamp, pp. 78-87, 2010.
- [4] MARECHAL, G.. **Les circuits courts alimentaires**, Dijon: Educagri édition, 2008.

- [5] MORUZZI MARQUES, P. E.; LUCAS A.; SARMENTO, G. Estratégias dos agricultores familiares de São Pedro/SP: perspectivas de consolidação de um sistema agroalimentar localizado? **IV Encontro da Rede de Estudos Rurais**, Curitiba: UFPR, 2010.
- [6] GRAWITZ, T. **Diagnóstico agrícola do alto da Serra de São Pedro Caracterização dos sistemas de produção da COOPAMSP**. Relatório de estágio. Piracicaba: ESALQ/LES, 2010, 53p.
- [7] CASTRO, J.; SANCHEZ, D.; MORUZZI MARQUES, P. E.; LUCAS, A.; BONAUDO, T. Adaptation de la méthode française IDEA pour l'évaluation de la durabilité des exploitations agricoles de la commune de São Pedro (Etat de São Paulo, Brésil), **XVI Journées Rencontres, Recherches et Ruminants**, Paris: INRA-Institut de l'Élevage, 2009.
- [8] GESP. **Quem somos**. Disponível em: <<https://gespianos.wordpress.com/about/>>. Acesso em 11 de janeiro 2016.

PAULO EDUARDO MORUZZI MARQUES professor Associado do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ e do Programa de Pós-Graduação Interunidades (ESALQ-CENA) em Ecologia Aplicada, USP, Campus Piracicaba, SP. Caixa Postal 9. CEP 13418-900, Piracicaba – e-mail: pmarques@usp.br

ADEMIR DE LUCAS doutor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP – e-mail: addlucas@usp.br

GABRIELA MARIA LEME TRIVELLATO graduanda em Engenharia Agrônoma da ESALQ/USP – e-mail: gabriela.trivellato@usp.br